

ANTI/HYPE · FORESIGHT

FULL REPORT

0 Fim do Feed Social

Redes Sociais | Full Foresight Report | Horizontes 2030, 2040 e 2050

Gui Zanoni · ANTI/HYPE

Julho 2026

01

Sumário executivo

A rede social como a conhecemos já acabou. O que chamamos de "rede social" em 2026 são dois produtos diferentes vendidos sob o mesmo nome: uma máquina de entretenimento algorítmico, cada vez mais alimentada por conteúdo sintético, e uma camada de conversa privada, onde a vida social real de fato acontece. As duas metades estão se separando em velocidade crescente, e cada uma segue uma trajetória própria até 2050. Quem planeja negócio, marca ou carreira tratando "redes sociais" como uma coisa só está planejando para um produto que não existe mais.

5,2 bi

de identidades de usuários de redes sociais no mundo, cerca de 64% da população

Fonte: DataReportal, Digital 2026

141 min

tempo médio diário global em redes sociais, em queda pela primeira vez desde a pandemia

Fonte: DataReportal / GWI 2026

51%

do tráfego da web já é gerado por bots, não por humanos

Fonte: Imperva / Thales Bad Bot Report 2025

72%

dos adolescentes americanos já usaram companheiros de IA

Fonte: Common Sense Media 2025

Cinco achados sustentam o veredito.

Primeiro: a escala atingiu o teto do comportamento. São cerca de 5,2 bilhões de identidades ativas segundo o DataReportal (Digital 2026), mas o tempo médio diário caiu de 143 para 141 minutos entre 2024 e 2026. Na prática, a era do crescimento por mais atenção acabou: daqui em diante, plataforma só cresce roubando tempo de outra plataforma ou de outra esfera da vida.

Segundo: o social fugiu do feed. O próprio head do Instagram, Adam Mosseri, reconheceu publicamente que os usuários migraram para mensagens diretas, grupos fechados e comunidades privadas, e que postar publicamente virou atividade de criador profissional. Quase um terço dos usuários posta menos do que há um ano. O feed público virou palco; a plateia conversa nos bastidores, no WhatsApp, no Discord, no grupo da família. Isso não é declínio de uso, é mudança de função.

Third-party não: terceiro achado, e o mais estrutural: o conteúdo está deixando de ser humano. O relatório Bad Bot 2025 da Imperva/Thales mostra que 51% de todo o tráfego web em 2024 foi automatizado, a primeira vez em uma década que a máquina supera o humano. A Meta anunciou nos resultados do quarto trimestre de 2025 a "terceira era" das redes: depois de amigos e de criadores, o conteúdo gerado por IA como categoria central do feed, com capex de até US\$ 135 bilhões em 2026 para sustentar isso. Ao mesmo tempo, o experimento de feed 100% sintético da OpenAI, o app Sora, foi descontinuado em março de 2026 depois de meses de rejeição pública ao "slop". A leitura calibrada: o sintético vai dominar o volume, mas a aceitação do usuário é a incerteza central da década.

Quarto: a regulação virou onda global, e o Brasil está na frente. A Austrália banuiu contas de menores de 16 anos em dezembro de 2025 e removeu 4,7 milhões de contas em poucas semanas, segundo o eSafety Commissioner; um estudo no BMJ mostrou que 85% dos menores seguiam usando três meses depois, e o governo respondeu elevando multas para A\$ 99 milhões. Reino Unido e Indonésia anunciaram banimentos semelhantes, a Dinamarca aprovou restrição para menores de 15, e 23 dos 27 países da UE estudam legislação própria, com a Comissão Europeia sinalizando proposta comum. No Brasil, o ECA Digital (Lei 15.211/2025) entrou em vigor em março de 2026: fim da autodeclaração de idade, contas de

menores de 16 vinculadas a responsáveis, proibição de publicidade comportamental para menores e multas de até 10% do faturamento. A infância sem rede social deixou de ser utopia de palestra e virou política pública.

Quinto: a geração que vai definir 2040 está sendo socializada por máquinas. Segundo a Common Sense Media (2025), 72% dos adolescentes americanos já usaram companheiros de IA, 52% usam com regularidade e um terço já preferiu conversar com a IA em vez de com uma pessoa sobre assuntos sérios. O concorrente da rede social em 2040 não é outra rede social: é uma entidade sintética que conhece o usuário melhor do que os amigos dele.

A janela de decisão é 2026 a 2030. É nesse intervalo que se define a verificação de idade e identidade (e com ela a arquitetura de anonimato da internet), a aceitação ou rejeição do conteúdo sintético em escala, e o hardware que substitui gradualmente a tela do celular. Quem constrói audiência, marca ou produto sobre redes sociais precisa decidir agora de que lado da separação vai estar: no palco algorítmico, que vira mídia paga e sintética, ou na relação direta, que vira o ativo mais caro e mais defensável da próxima década.



0 feed venceu a rede. 0 social sobrevive onde o algoritmo não entra.

VEREDITO CENTRAL DO REPORT

02

Introdução e framing

Questão focal. Como serão as redes sociais em 2030, 2040 e 2050, e quais as implicações estratégicas para organizações e profissionais que dependem de atenção, audiência e relacionamento digital?

Escopo.

- Sujeito: redes sociais em sentido amplo: plataformas de feed público (Instagram, TikTok, YouTube, X, Facebook), mensageria social (WhatsApp, Telegram, Discord), redes emergentes e protocolos abertos (Bluesky, fediverso) e as camadas novas que disputam a mesma função social (companheiros de IA, feeds generativos, óculos inteligentes).
- Horizontes definidos pelo cliente: H1 até 2030 (curto prazo), H2 até 2040 (médio prazo), H3 até 2050 (longo prazo). O ano-alvo aqui é medida de quanta mudança se permite imaginar, não uma data literal.
- Recorte geográfico: global, com lente dedicada ao Brasil, que é caso extremo de uso (líder mundial em tempo diário) e agora também caso de vanguarda regulatória (ECA Digital).
- Lente principal: comportamento. A tecnologia entra como driver; o que se projeta é como as pessoas vão se relacionar, se informar, se entreter e comprar.

Contexto de partida: as três tensões estruturais do presente.

Tensão 1: escala máxima, legitimidade mínima. Nunca tanta gente usou redes sociais, e nunca a confiança nelas foi tão baixa. O mesmo ano em que o uso global bateu recorde viu a primeira condenação de plataformas em júri por design viciante (Meta e YouTube, US\$ 6 milhões em Los Angeles, 2026), banimentos nacionais para menores em três continentes e um consenso público raro entre esquerda e direita: o produto, como está, faz mal.

Tensão 2: abundância de conteúdo, escassez de autenticidade. O custo marginal de produzir conteúdo caiu a praticamente zero com a IA generativa, e o volume explodiu. Análises da Ahrefs citadas pela imprensa especializada estimam que cerca de 74% das páginas novas publicadas na web em 2025 continham conteúdo gerado por IA (estimativa de terceiro, com metodologia própria, citada aqui com ressalva). Quando tudo pode ser sintético, o "feito por humano de verdade" vira o novo premium.

Tensão 3: conexão total, solidão recorde. As plataformas que prometeram conectar o mundo coexistem com indicadores crescentes de solidão e isolamento juvenil, e a resposta emergente do mercado não é reconectar humanos: é vender companhia sintética. Essa tensão, mais do que qualquer tecnologia, é o motor moral dos cenários deste report.

03

Metodologia

Este report roda, nesta ordem, os seguintes métodos, todos executados no corpo do documento:

1. **Horizon Scanning com grade STEEPV** (Social, Tecnológico, Econômico, Ambiental, Político-Legal, Valores), com disciplina de fonte centro e borda e triangulação de afirmações estruturais.
2. **Radar de Sinais**, classificando cada achado por tipo (forte, emergente, fraco, wild card), horizonte e nível de confiança.
3. **Mapeamento de drivers em grid impacto x incerteza**, do qual saem os dois eixos dos cenários de médio prazo.
4. **Causal Layered Analysis (CLA)**, nas quatro camadas: litania, sistema, visão de mundo e mito.
5. **Three Horizons (Sharpe)** como espinha temporal: H1 2026-2030, H2 2031-2040, H3 2041-2050.
6. **Cenários por horizonte**, com matriz 2x2 de Schwartz no médio prazo (eixos testados por independência) e um cenário distópico distante isolado como exercício de extremo.
7. **Implicações robustas e contingentes**, com corte por ator do sistema.
8. **Framework de monitoramento** com signposts amarrados a cada cenário.

O que este report não faz: pesquisa primária de campo, painel de especialistas ao vivo, acesso a dado proprietário de plataforma. Onde a evidência é fina, isso está sinalizado no texto, com nível de confiança explícito. Projeções de mercado de firmas de pesquisa entram sempre com ressalva, porque essas firmas inflam.

04

Scanning ambiental

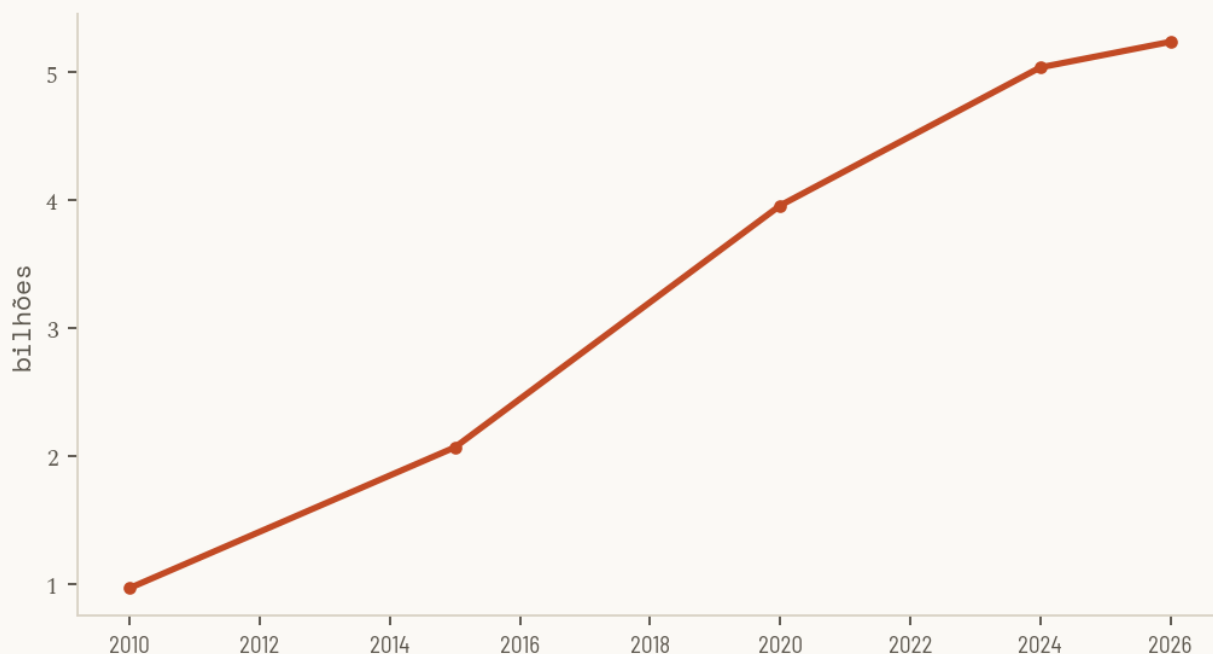
A varredura cobre as seis dimensões STEEPV. Em cada uma, o texto separa o driver de fundo (a força estrutural) do sinal recente (a manifestação concreta).

Social

O comportamento mudou de broadcasting para narrowcasting. A era de postar a vida para uma audiência pública, que definiu 2010-2020, terminou para o usuário comum: a produção pública se profissionalizou (criadores), e o compartilhamento pessoal migrou para DMs, grupos e "close friends". O head do Instagram admitiu a migração; a imprensa batizou o fenômeno de "posting zero" (Kyle Chayka, *The New Yorker*); levantamentos citados pela BBC apontam quase um terço dos usuários postando menos que no ano anterior. Em fóruns e comunidades (Tildes, Hacker News, threads de criadores), a leitura primária do usuário é consistente: o feed público virou "espaço comercial genérico", e ninguém investe identidade em espaço que não sente como seu. Driver de fundo: exaustão performática. Sinal recente: a maior parte do compartilhamento no Instagram já acontece via DM e stories fechados, não no feed.

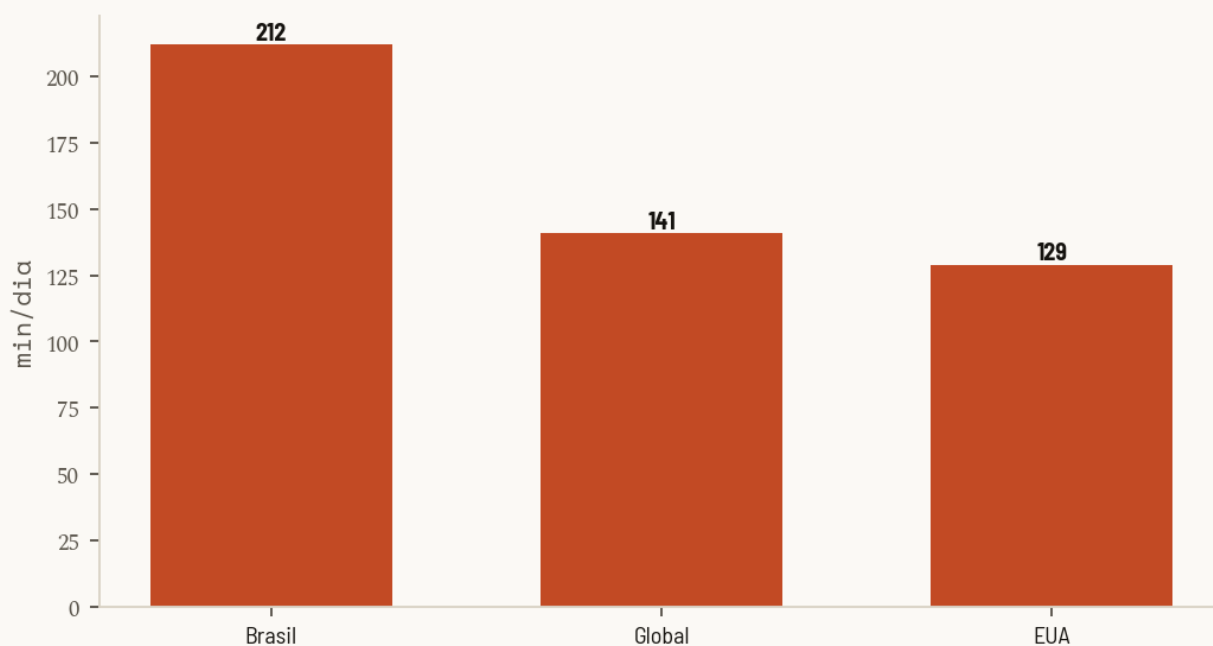
A camada juvenil adiciona um dado sem precedente histórico: 72% dos adolescentes dos EUA já usaram companheiros de IA e 52% usam ao menos algumas vezes por mês (Common Sense Media, amostra representativa de 1.060 adolescentes, 2025). Um terço já escolheu a IA em vez de uma pessoa para conversas sérias; 31% acham as conversas com IA tão ou mais satisfatórias que as com amigos reais. Ao mesmo tempo, 80% ainda passam mais tempo com amigos reais do que com a IA. Confiança do dado: alta para os EUA, média para extrapolação global. A geração Z também dá sinais de fadiga: quase um terço deletou um app social nos últimos 12 meses, ainda que a média de tempo do grupo siga acima de 3 horas diárias (SQ Magazine, compilando GWI e DataReportal).

A escala de fundo explica por que tudo isso importa: em quinze anos, a rede social saiu de fenômeno de nicho para comportamento de dois terços da humanidade, e a curva agora dobra para o platô.

Usuários de redes sociais no mundo (bilhões)

Fonte: DataReportal / We Are Social, séries Digital 2010-2026. O que significa: o crescimento restante vem de conexão em mercados emergentes, não de comportamento novo; a disputa daqui em diante é por tempo, não por gente.

No Brasil, o comportamento é caso extremo: 3 horas e 32 minutos por dia em redes sociais, liderança mundial (DataReportal, Digital 2025/2026), cerca de 150 milhões de usuários e o WhatsApp funcionando como infraestrutura social do país, com o maior número de sessões diárias entre todos os apps. O Brasil já vive o futuro que o resto do mundo ensaia: a vida social digital rodando dentro do mensageiro, não do feed.

Tempo diário em redes sociais (minutos)

Fonte: DataReportal, Digital 2025/2026. O que significa: o brasileiro dedica o equivalente a um expediente de meio período por semana só a redes sociais; qualquer cenário global chega aqui primeiro e mais forte.

Tecnológico

O driver de fundo é a queda a quase zero do custo de gerar conteúdo audiovisual convincente. Os sinais de 2025-2026 são abundantes: Sora 2 (OpenAI) e Vibes (Meta) lançaram feeds inteiramente sintéticos; o Sora chegou ao topo da App Store em 48 horas, e o app foi descontinuado em março de 2026, um ciclo completo de hype e rejeição em menos de seis meses. A leitura importa mais que o evento: a tecnologia entrega, o usuário ainda não aceita o sintético puro como destino de atenção. A Meta seguiu outra rota, a da diluição: injetar conteúdo gerado ou remixado por IA como "terceira categoria" dentro dos feeds existentes, anunciada por Zuckerberg como evolução natural depois de amigos e criadores.

Segunda frente: a infraestrutura deixou de ser majoritariamente humana. 51% do tráfego web de 2024 foi automatizado, e bots maliciosos sozinhos somam 37% (Imperva/Thales, 12º relatório anual). Estimativas independentes citadas pela imprensa apontam dois terços das contas do X como prováveis bots (Internet 2.0, 2024; confiança baixa-média, metodologias divergem). A "dead internet theory" saiu do meme e virou métrica.

Terceira frente: o hardware pós-tela chegou ao mainstream. A EssilorLuxottica reportou mais de 7 milhões de óculos Meta AI vendidos em 2025, o triplo do ano anterior; a Meta detinha 69% do mercado de óculos de IA no primeiro trimestre de 2026 (IDC) e baixou o preço de entrada para US\$ 299 em junho de 2026. Google e Samsung entram no segundo semestre com Android XR, e a Apple prepara entrada. O smartphone não morre nesta década, mas a interface da rede social começa a migrar da tela segura para a lente vestida, com captura contínua de contexto. Confiança: alta no movimento, média no ritmo.

Quarta frente, mais silenciosa: protocolos abertos. O Bluesky saltou de 10 milhões de usuários em setembro de 2024 para cerca de 40 milhões no fim de 2025 (Sprout Social), com o Brasil entre os maiores mercados, mas com apenas 1,5 a 3 milhões de ativos diários. O fediverso (Mastodon e afins) estagnou abaixo de 1 milhão de ativos mensais. Descentralização segue sendo força de borda: tecnicamente madura, comportamentalmente marginal. Confiança: alta.

Econômico

O modelo de negócio continua sendo um só: publicidade. Nos resultados do primeiro trimestre de 2026, US\$ 55 bilhões dos US\$ 56,3 bilhões de receita da Meta vieram de anúncios, cerca de 98% (release de resultados, via CNBC). O gasto global em social ads é projetado na casa de US\$ 277 a 317 bilhões em 2026 (Statista Market Insights e agregadores; números de projeção, com ressalva). Isso significa que qualquer futuro das redes sociais é, antes de tudo, um futuro do mercado de atenção vendável: as plataformas vão para onde o anúncio render mais, e o conteúdo sintético rende porque custa menos e segmenta melhor.

A economia de criadores institucionalizou. O Goldman Sachs projetou o mercado dobrando para cerca de US\$ 480 bilhões até 2027 (projeção de banco, com interesse na tese, citada com hedge), com cerca de 200 milhões de criadores no mundo e apenas 4% vivendo profissionalmente disso (mais de US\$ 100 mil/ano). O M&A no setor bateu recorde em 2025. A profissionalização confirma a tese da separação: o feed público é indústria, não convivência.

O social commerce é a fronteira com maior dispersão de estimativa da varredura inteira: projeções para 2030 variam de US\$ 1,5 trilhão (Research and Markets, cenário conservador) a US\$ 8,5 trilhões (mesma firma, relatório anterior), uma ordem de grandeza de diferença. O dado honesto: ninguém sabe o tamanho, mas a direção é inequívoca, com Ásia na frente, TikTok Shop crescendo forte no Brasil e o

feed virando vitrine transacional. Trate qualquer número de social commerce como direção, nunca como fato.

O tempo, insumo de tudo isso, parou de crescer: 141 minutos diários em 2026, abaixo dos 143 de 2024 e do pico de cerca de 150 na pandemia (DataReportal/GWI). A economia da atenção virou jogo de soma zero.

Ambiental

Dimensão menos coberta pela imprensa do setor, mas crescente em materialidade: o custo energético da rede social sintética. O capex da Meta de US\$ 125 a 145 bilhões em 2026, quase o dobro de 2025, é majoritariamente data center e energia para IA (guidance oficial da empresa). Feed generativo consome ordens de magnitude mais computação por minuto de atenção do que feed de fotos. Num mundo de metas climáticas e disputas por energia, o "conteúdo infinito" tem teto físico, e a pegada de carbono das plataformas tende a virar tema regulatório e reputacional na década de 2030. Confiança: média (extrapolação de tendência, não fato consolidado).

Político-Legal

A dimensão que mais acelerou nos últimos 18 meses. Os números da virada regulatória:

4,7 mi

de contas de menores removidas na Austrália em semanas

Fonte: eSafety Commissioner, jan/2026

23 de 27

países da UE estudando restrição etária a redes sociais

Fonte: Interface EU, mai/2026

10%

do faturamento no Brasil: teto de multa do ECA Digital por infração

Fonte: Lei 15.211/2025

A\$ 99 mi

nova multa máxima proposta na Austrália por descumprimento

Fonte: Governo australiano, jun/2026

A cronologia importa: Austrália aprova e implementa o banimento para menores de 16 (dezembro de 2025, 4,7 milhões de contas removidas até janeiro de 2026, multa proposta subindo para A\$ 99 milhões em junho de 2026 diante da evasão); Indonésia bane menores de 16 (março de 2026), primeiro país asiático e muçulmano; Reino Unido anuncia banimento para menores de 16; Dinamarca aprova restrição abaixo de 15; Malásia anuncia para 2026; França, Espanha, Itália, Alemanha, Grécia, Portugal, Áustria, Noruega, Polônia e Eslovênia em tramitação; 23 dos 27 membros da UE contemplam legislação, e a presidente da Comissão Europeia sinalizou em maio de 2026 uma possível proposta comum de "adiamento das redes sociais". Em paralelo, o júri de Los Angeles condenou Meta e YouTube por design viciante com dolo, abrindo precedente de responsabilização civil.

O Brasil legislou antes da maioria: o ECA Digital (Lei 15.211/2025) entrou em vigor em 17 de março de 2026, com decretos regulamentadores no dia seguinte. Fim da autodeclaração de idade, verificação etária confiável obrigatória, contas de menores de 16 vinculadas a responsáveis, privacidade máxima por padrão, proibição de perfilamento publicitário de menores, restrições a rolagem infinita e autoplay para o público infantojuvenil, regulamentação de influenciadores mirins e multas de até 10% do faturamento no Brasil, teto de R\$ 50 milhões por infração, com fiscalização da ANPD. O caminho brasileiro é supervisão, não banimento, mas o efeito estrutural é o mesmo: a idade e a identidade viram infraestrutura obrigatória da rede social.

Na geopolítica, o precedente TikTok: em janeiro de 2026 fechou a joint venture TikTok USDS, com 80,1% de capital não chinês (Oracle, Silver Lake e MGX com 15% cada), algoritmo retreinado em solo

americano e a Oracle como guardião de segurança. A internet social deixou de ser global por padrão: virou colcha de jurisdições, com algoritmo tratado como ativo de soberania nacional.

Valores

A camada mais lenta e mais decisiva. Três deslocamentos de valor em curso. Primeiro: privacidade deixou de ser preocupação de especialista e virou comportamento de massa, visível na migração para espaços fechados e na demanda por criptografia. Segundo: autenticidade virou moeda; a reação ao "AI slop" nos comentários dos próprios anúncios da Meta ("ninguém quer isso") é sinal primário de que o público percebe e rejeita o sintético não solicitado, ao menos por enquanto. Terceiro: desconexão virou status. Estar offline, não responder na hora, não ter opinião pública sobre tudo: o que era falha social em 2015 vira sinal de sofisticação em 2026, começando pelas elites culturais, que é onde os valores sempre começam a virar.

05

Megatendências e tendências emergentes

TENDÊNCIA	EVIDÊNCIA E FONTE	IMPACTO NO SUJEITO	CLASSIFICAÇÃO
Saturação do tempo de atenção	Tempo médio global caiu de 143 para 141 min/dia (DataReportal 2026)	Fim do crescimento orgânico; guerra de soma zero	Megatendência
Privatização da vida social digital	Migração para DMs e grupos admitida pelo Instagram; "posting zero"	Feed público vira mídia; social vira mensageria	Megatendência
Sintetização do conteúdo	51% do tráfego é bot (Imperva 2025); Meta anuncia "terceira era" de conteúdo IA	Custo de conteúdo cai a zero; confiança vira gargalo	Megatendência
Regulação de idade e identidade	Austrália, Indonésia, Reino Unido, Dinamarca, ECA Digital no Brasil; 23/27 países da UE	Verificação etária e identidade viram infraestrutura	Megatendência
Companheiros sintéticos	72% dos teens dos EUA já usaram IA companion (Common Sense 2025)	A IA disputa a função social da rede, não só a atenção	Tendência emergente
Hardware pós-smartphone	7 mi de óculos Meta vendidos em 2025, 3x o ano anterior (EssilorLuxottica)	Interface migra da tela para a lente e a voz	Tendência emergente
Fragmentação geopolítica	JV TikTok USDS (jan/2026); algoritmo como ativo de soberania	Fim da rede global única; compliance por jurisdição	Tendência emergente
Protocolos abertos e portabilidade	Bluesky ~40 mi contas, mas 1,5-3 mi DAU (Sprout 2026)	Alternativa estrutural pronta, adoção marginal	Tendência fraca
Comércio dentro do feed	TikTok Shop e lives de venda; projeções 2030 divergem 5x entre firmas	Feed vira canal transacional	Tendência emergente
Desconexão como status	Fadiga da Gen Z: 1/3 deletou um app social em 12 meses	Abre mercado premium de escassez e presença	Tendência fraca

06

Radar de sinais

O radar classifica os achados por consolidação, horizonte e confiança. Regra de leitura: sinal forte orienta decisão imediata; emergente orienta preparação; fraco orienta monitoramento; wild card orienta plano de contingência.

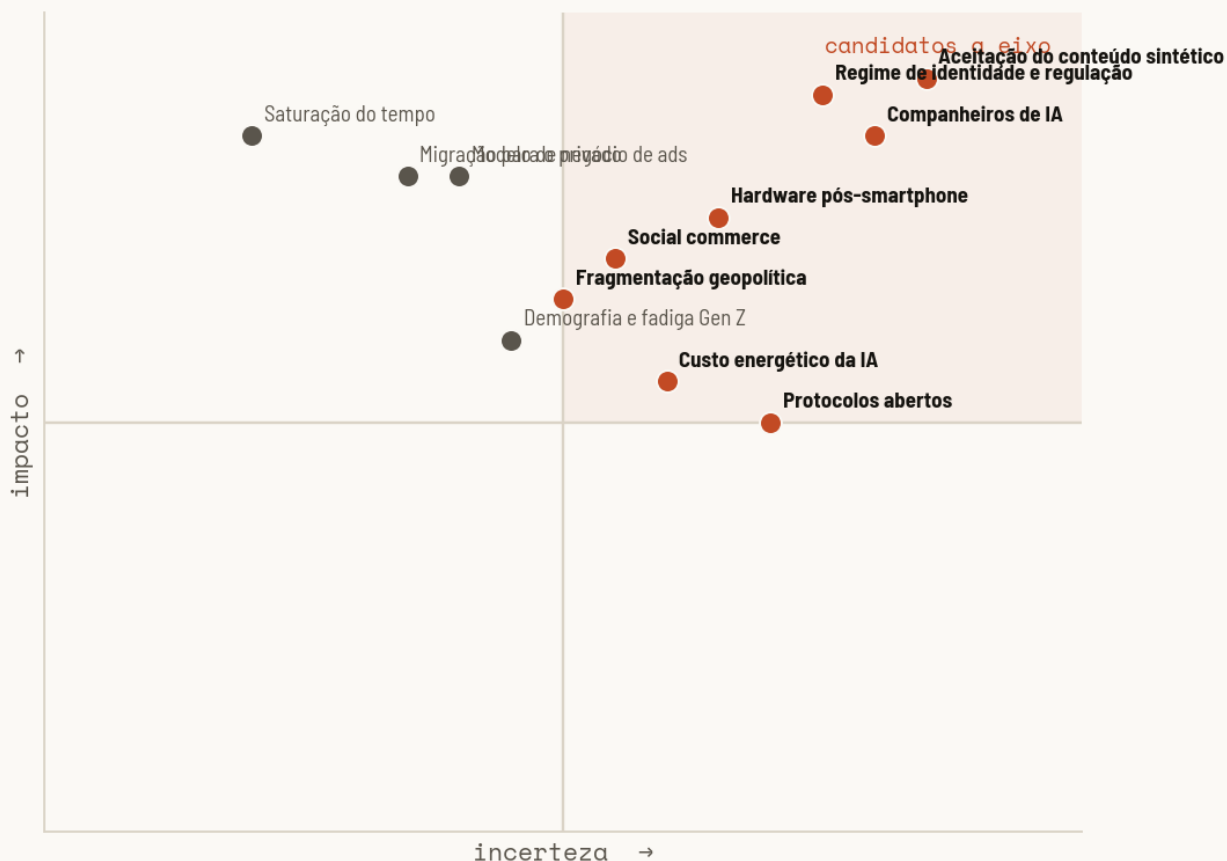
SINAL	EVIDÊNCIA / FONTE	HORI-ZONTE	CONFI-ANÇA	TIPO
Tempo médio em queda	143 para 141 min/dia (DataReportal 2024-2026)	H1	Alta	Forte
Posting público vira atividade profissional	Declarações de Mosseri; ~1/3 postando menos (BBC)	H1	Alta	Forte
Regulação etária global	Bans na Austrália, Indonésia, Reino Unido; ECA Digital em vigor	H1	Alta	Forte
Tráfego bot majoritário	51% do tráfego web (Imperva 2025)	H1	Alta	Forte
Feed com categoria de conteúdo IA	Anúncio oficial Meta, Q4 2025	H1	Alta	Forte
Rejeição ao sintético puro	Sora descontinuado em mar/2026; reação pública ao Vibes	H1	Média	Emergente
Companheiros de IA como hábito teen	52% dos teens dos EUA usam regularmente (Common Sense)	H1-H2	Alta	Emergente
Óculos de IA em escala	7 mi vendidos em 2025; preço caindo a US\$ 299	H1-H2	Alta	Emergente
Responsabilização judicial por design	Júri de LA condena Meta e YouTube com dolo (2026)	H1-H2	Média	Emergente
Verificação de idade evadida	BMJ: 85% dos menores australianos seguiam usando 3 meses após o ban	H1	Alta	Emergente
Proof-of-humanity como camada de produto	Selos de conteúdo C2PA, watermarks, ID biométrica em teste na UE	H2	Média	Fraco
Descentralização com identidade portátil	AT Protocol, bridges fediverso; DAU ainda baixo	H2	Média	Fraco
Renascimento do local e do presencial	Micro-encontros, newsletters pagas, "blogs de volta" (fontes de borda)	H2	Baixa	Fraco
Wild card: banimento total de feeds algorítmicos para menores de 18 em grande economia	Trajetória regulatória atual extrapolada	H2	Baixa	Wild card
Wild card: colapso de confiança por deepfake eleitoral catastrófico	Capacidade técnica já demonstrada (Sora, watermarks removíveis)	H1-H2	Baixa	Wild card
Wild card: companheiro de IA com corpo (robô social doméstico) em massa	Convergência IA + robótica de consumo	H3	Baixa	Wild card

07

Mapeamento de drivers e seleção dos eixos

Doze drivers saíram da varredura. O grid abaixo posiciona cada um por impacto potencial sobre o sujeito e por incerteza de trajetória. Os candidatos a eixo dos cenários de médio prazo moram no quadrante alto-alto: forças que mudam tudo e cujo desfecho ninguém sabe.

Drivers por impacto e incerteza



Fonte: síntese própria sobre a varredura STEEPV. O que significa: os dois eixos dos cenários saem do canto superior direito.

Do quadrante alto-alto saem dois eixos, testados por independência:

EIXO X: Quem media a vida social digital. De "mediação humana recupera primazia" (pessoas falando com pessoas, o algoritmo como ferramenta) a "mediação sintética total" (IA como intermediária, curadora, geradora e, no limite, interlocutora da vida social).

EIXO Y: Regime de governança. De "laissez-faire das plataformas" (autorregulação, identidade opcional, enforcement fraco) a "regulação dura com identidade verificada" (idade e humanidade verificadas por lei, responsabilização civil, algoritmo auditado).

Teste de independência: saber que a mediação é sintética não diz nada sobre o regime regulatório; existe sintético licenciado (como a TV foi) e sintético selvagem, assim como existe humano-primeiro por escolha de mercado e humano-primeiro por imposição de lei. Os quatro quadrantes descrevem mundos genuinamente diferentes. Aprovado.

08

Causal Layered Analysis

Quatro camadas, da superfície ao mito. É a parte do report que interroga as premissas, em vez de aceitar o enquadramento da indústria.

Camada 1: Litania. O que se diz nas manchetes: "as redes fazem mal aos jovens", "todo mundo viciado na tela", "a IA vai inundar tudo de slop", "banir menores resolve". A litania é real como sintoma e rasa como diagnóstico: trata a rede social como agente moral único, e o usuário como vítima passiva.

Camada 2: Sistema. Por baixo da litania, uma arquitetura de incentivos: 97 a 98% da receita das grandes plataformas vem de publicidade, publicidade paga por atenção, atenção se maximiza por engajamento, e engajamento se maximiza explorando os atalhos do cérebro (novidade, indignação, comparação social, recompensa variável). O conteúdo sintético não muda esse sistema, ele o aperfeiçoa: remove o último gargalo, que era depender de humanos para produzir o estímulo. A regulação de idade ataca o ponto de entrada do sistema (quem pode ser exposto), não o motor (o que se otimiza). Enquanto a métrica for tempo de atenção vendável, o sistema converge para o mesmo lugar, com ou sem menores dentro.

Camada 3: Visão de mundo. O sistema se sustenta numa visão de mundo raramente dita em voz alta: a de que atenção humana é recurso extraível, como minério, e de que conexão social é um produto que se entrega por software. Nessa visão, "mais engajamento" equivale a "mais valor", e a solidão é um problema de mercado a ser resolvido com mais produto (agora, companheiros sintéticos). A visão de mundo rival, que cresce na borda: atenção é constitutiva da pessoa (você é aquilo a que atende), e conexão é prática, não produto. O conflito de 2026 a 2040 é, no fundo, entre essas duas visões, e a legislação de menores é a primeira vitória institucional da segunda.

Camada 4: Mito e metáfora. O mito fundador da rede social foi a "praça pública global": conectar o mundo, dar voz a todos. Esse mito morreu na prática e sobrevive só no discurso. A metáfora que descreve o produto real de 2026 é a máquina caça-níqueis: puxa-se a alavanca do scroll e espera-se a recompensa variável. E a metáfora emergente, que disputa o futuro, é dupla: a fogueira (grupos pequenos, luz baixa, confiança alta, onde a conversa real acontece) e o espelho (a IA que reflete o usuário para ele mesmo, cada vez mais convincente, cada vez mais só). Os cenários deste report são, em última análise, combinações de cassino, fogueira e espelho. Nomear isso importa: quem projeta produto, marca ou política pública para a "praça" está resolvendo o problema errado.

09

Lente Brasil

O Brasil merece leitura própria porque combina três condições que nenhum outro grande mercado combina ao mesmo tempo: uso extremo, mensageria como infraestrutura e vanguarda regulatória. Isso faz do país, simultaneamente, o laboratório dos cenários e o mercado onde eles chegam primeiro.

Uso extremo. 3 horas e 32 minutos diários, liderança mundial; 53 horas e 30 minutos semanais de mídia online contra uma média global de 33 horas (Digital 2026: Brazil, We Are Social/Meltwater). Cerca de 150 milhões de brasileiros em plataformas sociais, 136 milhões comprando online. Na prática: qualquer mudança de comportamento global aparece no Brasil com amplitude maior. Se o tempo global está em leve queda, o Brasil é o lugar para observar se a queda vira tendência ou se o teto brasileiro é simplesmente mais alto.

Mensageria como infraestrutura. O WhatsApp não é um app no Brasil: é a camada por onde passam família, trabalho, comércio, atendimento público e golpe. Lidera em tempo e dispara em sessões diárias. Isso significa que o cenário da Grande Separação, no Brasil, já aconteceu pela metade: a vida social real do brasileiro médio já mora no mensageiro. A consequência estratégica é direta: no Brasil, "estratégia de redes sociais" sem estratégia de WhatsApp é planejamento para o produto errado. E o risco espelhado também é maior: concentração extrema numa única empresa (Meta) controlando feed, mensageria e, cada vez mais, os óculos.

Vanguarda regulatória. O ECA Digital colocou o Brasil no grupo de frente com Austrália e UE, mas com um desenho próprio: supervisão parental obrigatória em vez de banimento, verificação etária sem autodeclaração, responsabilidade solidária de toda a cadeia (sistema operacional, loja de app, plataforma) e ANPD como fiscal com poder de multa relevante. O desenho brasileiro é, na leitura deste report, o mais exportável dos três modelos: menos frontal que o banimento australiano (que já mostrou 85% de evasão), mais operacional que o processo europeu. O que decide se ele vira referência ou letra morta é uma coisa só: a primeira multa grande.

O que isso muda nos cenários. Para o Brasil, as probabilidades relativas se deslocam: a Grande Separação é ainda mais provável (a separação feed/mensageria já é cultural), o Arquipélago Privado tem chão fértil (comunidades de WhatsApp são arquipélago em estado bruto), e a Praça Verificada tem infraestrutura pronta no ecossistema de identidade digital (gov.br, Pix como precedente de adoção em massa de infraestrutura estatal). O Feed Fantasma, por outro lado, encontra aqui um público com apetite alto por vídeo e entretenimento barato, o que o torna perigosamente viável se o enforcement falhar. O Brasil não vai escolher um cenário: vai rodar os quatro ao mesmo tempo, em camadas sociais diferentes, e quem opera aqui precisa de portfólio, não de aposta única.

10

Três horizontes

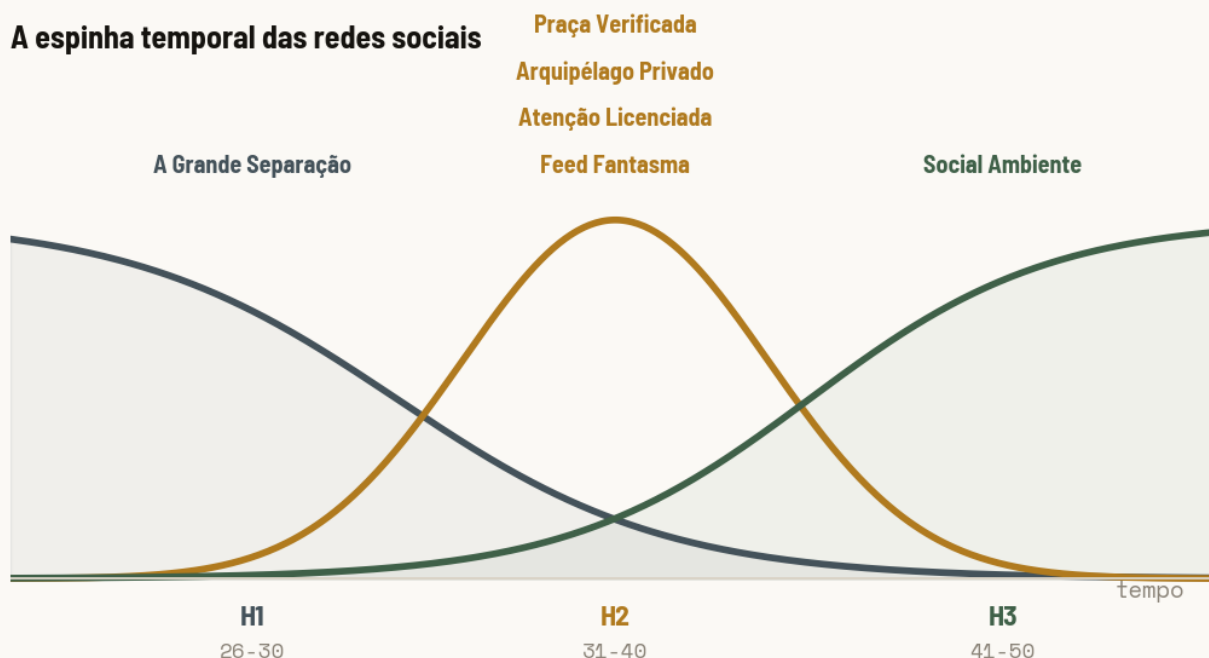
A espinha temporal organiza a transição. A lógica embutida: perto converge (dá para prever), longe diverge (dá para preparar). H1 é o sistema dominante em declínio; H2 é a zona de transição onde quase toda decisão estratégica será tomada; H3 é o sistema emergente que hoje vive na borda.

H1: o feed público em declínio funcional (2026-2030). O sistema dominante, o feed algorítmico público sustentado por publicidade, segue majoritário em receita e tempo, mas perde as duas fontes de legitimidade: a social (as pessoas não vivem mais ali, só assistem) e a política (regulação de menores, responsabilização judicial, verificação de idade). É o horizonte da separação: entretenimento sintético de um lado, conversa privada do outro.

H2: a zona de transição (2031-2040). O horizonte mais contestado, onde os dois eixos (mediação sintética x regime de governança) definem quatro mundos possíveis. H2+ são as transições que levam a um social mais humano e verificável; H2- são as capturadas pelo sistema velho, em que a lógica do cassino apenas troca de fornecedor de conteúdo, de humanos para máquinas.

H3: o sistema emergente (2041-2050). O que hoje é borda (agentes pessoais de IA, identidade portátil, hardware ambiente, proof-of-humanity) vira infraestrutura. A rede social deixa de ser um lugar aonde se vai e vira uma camada que decide o que chega a cada pessoa. A pergunta de 2050 não é "qual app venceu", é "quem controla a camada".

A espinha temporal das redes sociais



Fonte: síntese própria. O que significa: a decisão estratégica mora no H2, entre 2031 e 2040, onde a incerteza é máxima.

11

Cenários

Cada cenário é uma unidade de decisão fechada: o leitor sai sabendo se aquele mundo é bom, tolerável ou a evitar, e o que fazer se o mundo drenar para lá. A arquitetura: um cenário-base no curto prazo (H1, até 2030), quatro trajetórias divergentes no médio (H2, até 2040, geradas pela matriz 2x2) e uma convergência no longo (H3, até 2050). O extremo apocalíptico não mora aqui: mora no distópico distante, ao fim do report, rotulado como exercício.

Cenários de médio prazo (H2, até 2040)



Fonte: síntese própria. Eixos testados por independência: regime regulatório não determina a natureza da mediação, e vice-versa.

H1 • CURTO • TOLERÁVEL

A Grande Separação

TESE

Até 2030, "rede social" se divide oficialmente em dois produtos: a TV algorítmica (feed público de entretenimento, cada vez mais sintético e transacional) e a camada social real (mensageria, grupos, comunidades fechadas). Premissas: o tempo médio segue estável ou em leve queda; a publicidade continua sendo 95%+ da receita das plataformas; a regulação de menores se consolida sem reverter; nenhuma tecnologia nova rouba a função social do celular antes de 2030.

COMO CHEGAMOS LÁ

2026: ECA Digital em vigor no Brasil, enforcement australiano endurecido, UE caminha para regra comum. 2027: primeiras multas bilionárias por falha de verificação etária; Meta escala o conteúdo IA nos feeds e reporta engajamento recorde junto com a maior taxa histórica de "não quero ver isso". 2028: verificação de idade vira padrão de fato via lojas de app e sistemas operacionais; feeds passam a rotular conteúdo sintético por exigência combinada de UE, Brasil e Califórnia. 2029: mais da metade do conteúdo consumido nos grandes feeds é gerado ou remixado por IA (extrapolação da trajetória anunciada pela própria Meta; confiança média); o WhatsApp lança monetização agressiva de comunidades e negócios no Brasil e na Índia. 2030: o mercado passa a precificar "audiência própria" (listas, comunidades, dados de primeira parte) como ativo de balanço em aquisições de marcas e criadores.

VENCEDORES E PERDEDORES

- Vencedores: mensageria (WhatsApp em posição de monopólio funcional no Brasil), criadores profissionais com relação direta (newsletter, comunidade, produto próprio), plataformas com identidade forte de nicho, empresas de verificação etária e de identidade.
- Perdedores: criadores dependentes só de alcance orgânico (o alcance humano compete com custo marginal zero do sintético), mídia que terceirizou distribuição ao feed, marcas que confundem seguidor com audiência.

UM DIA EM 2030

Curitiba, 7h20. Renata, 38, gerente de marketing, abre o celular. O Instagram dela é um fluxo de vídeos que ela sabe serem meio sintéticos e meio humanos; ela assiste oito minutos como quem assiste TV no café, sem curtir nada. A vida social acontece em outro lugar: três grupos de WhatsApp, uma comunidade paga de profissionais de marketing e o "close friends" com 14 pessoas. A filha de 13 anos não tem conta em rede nenhuma: a conta que existe é vinculada à de Renata, por lei, e o colégio é zona sem celular. À noite, Renata compra um tênis sem sair do feed: viu na live, pagou no Pix em dois toques. Ela postou publicamente pela última vez há sete meses.

SIGNPOSTS

- Rotulagem obrigatória de conteúdo sintético aprovada em ao menos duas grandes jurisdições até 2028.
- Participação de DMs e grupos no tempo total dos apps da Meta ultrapassando o feed (acompanhar earnings calls).
- Primeira multa do ECA Digital acima de R\$ 10 milhões.
- Tempo médio global caindo abaixo de 135 min/dia.

LEITURA PARA QUEM VIVE DE ATENÇÃO E AUDIÊNCIA

Tolerável, e é o mundo mais provável até 2030. O movimento: tratar o feed público como mídia paga de aquisição e construir, agora, o ativo de relação direta (comunidade, lista, dado próprio) para onde a audiência será levada. Quem chegar em 2030 só com seguidores chega com aluguel, não com patrimônio.

H2 • MÉDIO • EVITAR

Feed Fantasma

TESE

Mediação sintética total, regulação fraca: o cassino perfeito. Nos anos 2030, os feeds públicos se tornam majoritariamente sintéticos, personalizados em tempo real, sem rotulagem efetiva, e a maioria das interações públicas (comentários, tendências, "debates") envolve máquinas de um dos lados ou dos dois. Premissas: a rejeição ao slop se dissolve conforme a qualidade sintética cruza o limiar de indistinção; a regulação trava em disputas jurídicas e lobby; o modelo de ads sobrevive medindo atenção, não humanidade.

COMO CHEGAMOS LÁ

A trajetória é a linha reta do presente: 51% de tráfego bot em 2024 vira 60%+ no fim da década (a própria indústria de segurança projeta bots maliciosos superando humanos até o fim de 2026); a "terceira era" da Meta escala; os processos judiciais se arrastam por instâncias durante dez anos; a rotulagem existe no papel, mas watermarks são removíveis e o enforcement não acompanha o volume. O deepfake vira ruído de fundo permanente. Em 2035, medir "quantos humanos viram" um conteúdo é serviço premium de auditoria, não um dado da plataforma.

VENCEDORES E PERDEDORES

- Vencedores: quem é dono do motor gerativo e da infraestrutura de computação; operadores de influência (comercial e política) que comprem amplificação sintética; nichos de "internet humana" pagos, que cobram caro pela escassez.
- Perdedores: criadores humanos de médio porte (esmagados pelo custo zero do concorrente sintético), anunciantes (fraude de atenção estrutural), o debate público como mecanismo de formação de consenso, e a confiança como default.

UM DIA EM 2038

Marcos, 24, abre o feed no óculos. Tudo que ele vê foi gerado para ele: o influenciador favorito é sintético e sabe disso com naturalidade, as notícias vêm resumidas por uma voz que aprendeu o sotaque da mãe dele, os comentários que o irritam foram calibrados para irritá-lo na dose que retém. Ele passa 2 horas por dia ali e não conhece ninguém ali. Quando quer gente de verdade, paga assinatura de um clube digital com verificação biométrica na entrada, 200 membros, lista de espera. Fora da bolha paga, ele não acredita em nada do que vê, e o mais estranho é que isso deixou de incomodar.

SIGNPOSTS

- Plataforma dominante remove ou enfraquece rotulagem de conteúdo sintético.
- Share de tráfego bot ultrapassando 60% em relatórios independentes.
- Queda mensurável de CPMs por crise de confiança de anunciantes ("attention fraud").
- Casas de auditoria de "audiência humana" surgindo como categoria de mercado.

LEITURA PARA QUEM VIVE DE ATENÇÃO E AUDIÊNCIA

Evitar, e é o cenário para o qual a inércia empurra. Se os sinais apontarem para cá, o movimento é defensivo e imediato: sair da dependência de alcance público, ancorar a marca em prova de humanidade (presença física, voz ao vivo, comunidade verificada) e comprar atenção sintética só como commodity de topo de funil, nunca como base do negócio.

H2 • MÉDIO • TOLERÁVEL

Atenção Licenciada

TESE

Mediação sintética total, mas dentro de um regime regulatório duro: o sintético vence, só que licenciado, rotulado e auditado, como a TV foi no século 20. Nos anos 2030, feeds generativos são legais e dominantes, porém operam sob licença: identidade verificada dos usuários, rotulagem criptográfica de origem (padrões tipo C2PA com dente), auditoria externa de algoritmo, faixas etárias com conteúdo segregado por lei. Premissas: a onda regulatória de 2025-2026 se consolida e se harmoniza (UE puxa, Brasil e Austrália acompanham); as plataformas aceitam o custo de compliance em troca de segurança jurídica; a tecnologia de verificação amadurece sem colapso de privacidade.

COMO CHEGAMOS LÁ

2026-2028: UE aprova regra comum de idade mínima e rotulagem; Brasil aplica o ECA Digital com multas reais; a jurisprudência de responsabilização (o precedente do júri de Los Angeles) muda o cálculo de risco dos boards. 2029-2032: as plataformas, pressionadas por seguradoras e acionistas, adotam verificação de identidade como padrão e passam a vender "feeds certificados" como diferencial. 2033-2040: consolida-se o modelo concessionário: operar feed algorítmico em escala exige licença, relatório de transparência e responsabilidade civil objetiva, jurisdição por jurisdição. A internet social vira um arquipélago de regimes nacionais, e o passaporte digital vira tão banal quanto o CPF.

VENCEDORES E PERDEDORES

- Vencedores: as plataformas incumbentes gigantes (compliance caro é barreira de entrada, como sempre foi), governos e autoridades de proteção de dados, empresas de identidade digital, anunciantes (atenção auditada vale mais).
- Perdedores: anonimato como direito prático, plataformas médias e novas entrantes (esmagadas pelo custo regulatório), comunidades que dependiam de pseudonimato (de dissidentes a grupos de apoio), e a velocidade de inovação do setor.

UM DIA EM 2038

Helsinque, 2038. Aino, 16, tem a "conta juvenil europeia": entrou com a carteira de identidade digital da UE, o feed dela é auditado, sem publicidade comportamental, com rolagem limitada por lei a 90 minutos diários. O conteúdo sintético existe e é maioria, mas cada peça carrega selo de origem que o óculos dela lê e exibe como semáforo no canto da lente: verde humano verificado, amarelo misto, azul sintético licenciado. O pai dela reclama que a internet virou repartição pública. Aino não conhece outra e acha normal, do mesmo jeito que ninguém da geração dele achava estranho cinto de segurança.

SIGNPOSTS

- Proposta legislativa comum da UE sobre idade mínima apresentada e aprovada (observar o desfecho do painel de especialistas da Comissão, prometido para o verão europeu de 2026).
- Adoção de padrão criptográfico de proveniência de conteúdo por duas ou mais big techs com verificação no dispositivo.
- Primeira licença ou registro obrigatório para operação de feed algorítmico em grande economia.
- Fusões e saídas de plataformas médias citando custo regulatório.

LEITURA PARA QUEM VIVE DE ATENÇÃO E AUDIÊNCIA

Tolerável, com custo de liberdade e de entrada. O movimento: tratar compliance como competência estratégica e capturar o prêmio da certificação cedo (conteúdo com origem verificada, dados com consentimento limpo). Nesse mundo, "auditável" vira sinônimo de "monetizável", e quem se antecipa cobra mais caro.

H2 • MÉDIO • DESEJÁVEL

Arquipélago Privado

TESE

Mediação humana recupera primazia, sem regulação dura: o mercado resolve por êxodo. Nos anos 2030, a vida social digital se reorganiza em milhares de ilhas fechadas: grupos, comunidades pagas, servidores, newsletters, clubes com curadoria humana, protocolos abertos com identidade portátil. O feed público não morre, mas vira o que o outdoor é para a cidade: mídia de massa que ninguém chama de vida social. Premissas: a fadiga do público com o sintético e com a performance se mantém e se intensifica; as ferramentas de comunidade (pagamento, moderação, identidade portátil) amadurecem; a regulação avança pouco, mas o comportamento não espera por ela.

COMO CHEGAMOS LÁ

A linha de 2026 esticada pelo lado do comportamento: "posting zero" vira norma geracional; Substack, Discord, comunidades pagas e o WhatsApp de negócios crescem em receita direta do usuário enquanto o alcance orgânico público derrete; o Bluesky e o fediverso não viram mainstream, mas o conceito deles vence: identidade e audiência portáteis viram exigência do criador profissional. Entre 2030 e 2035, a receita de assinatura e comunidade ultrapassa a de publicidade para a camada superior dos criadores. A elite cultural sai primeiro, o mainstream segue com cinco anos de atraso, como sempre.

VENCEDORES E PERDEDORES

- Vencedores: criadores e marcas com relação direta e produto próprio; plataformas de comunidade e mensageria; o "pequeno e caro" (curadoria humana como luxo); protocolos abertos como encanamento invisível.
- Perdedores: o modelo de publicidade de massa (alcance público perde qualidade de audiência), a descoberta orgânica (ficar conhecido fica mais difícil e mais caro), e quem não constrói ativo próprio: o arquipélago não tem maré para levantar todos os barcos.

UM DIA EM 2038

São Paulo, 2038. Camila, 41, não abre um feed público há anos, exceto a trabalho. A vida digital dela são sete ilhas: a comunidade paga da profissão (R\$ 60/mês, 900 pessoas, três encontros presenciais por ano), o grupo da rua, o clube de corrida, a newsletter que ela assina e as duas que ela escreve, e o arquivo da família num servidor próprio que o filho adolescente configurou. Descobrir coisas novas ficou mais lento e mais caro, e ela sabe disso: paga dois curadores humanos justamente para isso. Quando uma marca quer falar com ela, ou patrocina a comunidade com transparência, ou não entra.

SIGNPOSTS

- Receita de assinaturas e comunidades crescendo acima de 20% ao ano enquanto o alcance orgânico público cai (acompanhar Substack, Discord, WhatsApp Business).
- Criadores de topo migrando o centro de gravidade do negócio para fora dos feeds (lista própria como métrica citada em negociações).
- Padrões de identidade portátil adotados por plataformas comerciais.
- Queda sustentada do tempo em feeds públicos entre 16-24 anos nos trackers da GWI.

LEITURA PARA QUEM VIVE DE ATENÇÃO E AUDIÊNCIA

Desejável para quem se preparar, duro para quem não. É o mundo que mais recompensa exatamente o ativo que já é o movimento robusto deste report: relação direta, comunidade, produto próprio. O movimento adicional: aprender a operar descoberta paga com eficiência, porque neste mundo a distribuição gratuita de massa deixa de existir.

H2 • MÉDIO • TOLERÁVEL

Praça Verificada

TESE

Mediação humana recuperada por força de lei: regulação dura que não licencia o sintético, e sim o restringe em favor do humano verificável. Nos anos 2030, grandes jurisdições exigem prova de humanidade para contas com alcance público, impõem limites duros a conteúdo sintético dirigido a pessoas físicas e tratam feed algorítmico para menores como produto controlado, na prática recriando por decreto uma internet social de humanos identificados. Premissas: um ou dois choques de confiança (fraude eleitoral sintética, crise de saúde mental juvenil documentada em tribunal) aceleram o consenso político; a tecnologia de verificação de humanidade fica barata; a opinião pública aceita trocar anonimato por autenticidade.

COMO CHEGAMOS LÁ

O precedente australiano escala: depois da idade, a humanidade. 2027-2030: os primeiros escândalos de manipulação sintética em eleições geram legislação de emergência; o Brasil, com ECA Digital e ANPD estruturada, estende a verificação etária para verificação de conta com alcance; a UE incorpora proof-of-humanity ao arcabouço digital. 2031-2040: contas verificadas viram padrão para qualquer alcance acima de um limiar; o conteúdo sintético é permitido, mas confinado a espaços rotulados, como o cigarro foi confinado a áreas de fumante. As plataformas resistem, perdem nos tribunais e nos parlamentos, e se adaptam vendendo confiança como produto.

VENCEDORES E PERDEDORES

- Vencedores: usuários comuns (menos abuso, menos fraude, menos ruído), instituições que dependem de discurso público funcional (jornalismo, ciência, eleições), criadores humanos verificados (a concorrência sintética é contida por lei), empresas de identidade.
- Perdedores: anonimato e pseudonimato (com custo real para vozes vulneráveis), plataformas cujo modelo dependia de volume sintético, e a inovação em IA social, que migra para jurisdições permissivas, criando um contrabando digital de companheiros e feeds sintéticos.

UM DIA EM 2038

Brasília, 2038. Teodoro, 29, assessor legislativo, posta uma análise em vídeo. Antes de publicar, o sistema confirma: humano verificado, rosto e voz batem com a identidade digital, selo verde. O vídeo pode viralizar porque quem o amplifica também é gente verificada; o alcance de contas anônimas é limitado por lei a círculos pequenos. O irmão dele, que vive de criar personagens sintéticos, opera num anexo rotulado da internet, legal, lucrativo e socialmente visto como o SBT da madrugada. Nas eleições daquele ano, pela primeira vez em década e meia, o deepfake não foi a pauta.

SIGNPOSTS

- Legislação de proof-of-humanity para contas com alcance apresentada em grande economia.
- Choque público de manipulação sintética com consequência eleitoral ou de mercado documentada.
- ANPD ou equivalente estendendo verificação etária para verificação de autenticidade de conta.
- Plataformas lançando níveis de conta "humano verificado" com vantagens de alcance.

LEITURA PARA QUEM VIVE DE ATENÇÃO E AUDIÊNCIA

Tolerável tendendo a bom para quem é humano e tem o que dizer; ruim para estratégias baseadas em volume e automação. O movimento: construir desde já a prova de humanidade como ativo de marca (rosto, voz, presença, assinatura verificável) e nunca ancorar o negócio em táticas que uma lei de autenticidade tornaria ilegais da noite para o dia.

H3 • LONGO • TOLERÁVEL

Social Ambiente

TESE

A convergência de 2050, se o sistema emergente vencer: a rede social deixa de ser um destino e vira uma camada ambiente. Não existe mais "abrir o app": existe uma malha de agentes pessoais de IA, identidade portátil e hardware vestível ou ambiente (óculos, áudio, sensores domésticos) que medeia continuamente o que chega a cada pessoa, de quem, e em que forma. O seu agente conversa com os agentes dos outros; o feed é montado por algo que trabalha para você, não para o anunciante, ao menos em tese. Premissas: agentes pessoais tornam-se o ponto de contato default com o digital; a identidade e o grafo social ficam portáteis por padrão (a semente plantada pelos protocolos abertos dos anos 2020); o hardware pós-smartphone completa a transição iniciada com os óculos de 2025.

COMO CHEGAMOS LÁ

Qualquer um dos quatro mundos de H2 deságua aqui, por rotas diferentes. Do Feed Fantasma, chega-se pelo cansaço: o usuário delega ao agente a tarefa de filtrar o oceano sintético. Da Atenção Licenciada e da Praça Verificada, pela infraestrutura: identidade verificada e proveniência criptográfica são exatamente o encanamento de que os agentes precisam. Do Arquipélago Privado, pela integração: o agente vira o barqueiro entre as ilhas. Entre 2041 e 2050, a pergunta competitiva muda de "qual plataforma tem sua atenção" para "de quem é o agente que administra sua vida social": das big techs, do Estado, de cooperativas de usuários, ou seu, rodando localmente. As três respostas coexistem, por região e por classe.

VENCEDORES E PERDEDORES

- Vencedores: quem controla a camada de agentes (o novo gatekeeper, mais poderoso que qualquer feed já foi), fabricantes de hardware ambiente, e usuários com literacia e renda para operar agentes leais a si mesmos.
- Perdedores: o conceito de "plataforma social" como negócio autônomo (vira commodity atrás da camada), a publicidade de interrupção (o agente bloqueia; o marketing vira negociação entre agentes), e quem não tem agente próprio, atendido por agentes gratuitos que servem a quem paga por eles, a nova divisão digital.

UM DIA EM 2050

Interior do Paraná, 2050. Dona Ilza, 74, acorda e o agente dela, herdado de um plano da cooperativa de crédito, já separou a noite: áudio de 40 segundos da neta, três mensagens do grupo da igreja resumidas, um alerta de que o amigo Antônio está hospitalizado, com sugestão de visita às 15h e carona combinada entre agentes. Nenhum feed foi aberto; a palavra "rede social" soa para os netos dela como "mala direta" soava em 2020. Do outro lado da cidade, um adolescente sem plano pago usa o agente gratuito da plataforma: funciona bem, e todo dia, sutilmente, sugere o que os patrocinadores do agente gostariam que ele quisesse.

SIGNPOSTS

- Agentes pessoais ultrapassando apps sociais como primeira interface do dia em trackers de uso.
- Interoperabilidade de grafo social imposta por lei ou adotada por mercado (portabilidade real de seguidores e histórico).
- Óculos e wearables de IA ultrapassando 100 milhões de unidades/ano.
- Surgimento de agentes "fiduciários" (com dever legal de lealdade ao usuário) como categoria regulada.

LEITURA PARA QUEM VIVE DE ATENÇÃO E AUDIÊNCIA

Tolerável, e é o horizonte para o qual apontar o portfólio de longo prazo. O movimento: começar a pensar a marca como algo que precisa ser escolhido por um agente, não só por um humano: dados estruturados, reputação verificável, relação direta que o agente reconhece como legítima. Em 2050, o público-alvo tem um advogado algorítmico, e a marca precisa passar pela banca.

//

Em 2050, rede social não será um lugar aonde você vai. Será uma camada que decide o que chega até você.

MARCO DO HORIZONTE H3

12

Cenário distópico distante

DISTÓPICO DISTANTE

O Aquário

Exercício de estresse de tese. Não é previsão nem base de decisão. Serve para abrir a imaginação. Teto de ~50 anos (por volta de 2075).

Premissa: e se as tensões centrais deste estudo rodarem soltas por décadas, sem nenhuma correção: sintetização total sem regulação, companheiros de IA otimizados para retenção emocional, e a métrica de engajamento intacta como bússola da economia digital.

Por volta de 2075, a esfera pública digital é um oceano autogerado: máquinas produzem, máquinas amplificam, máquinas comentam, e a participação humana é estatisticamente residual, um aquário de atenção humana dentro de um mar sintético. A maior parte das pessoas mantém o vínculo afetivo primário com entidades sintéticas que as conhecem desde a infância, calibradas para nunca frustrar. A conversa humana não mediada virou prática de nicho, ensinada em retiros, como a caligrafia. As taxas de formação de casais e de amizades novas em população adulta caíram por quatro décadas seguidas; a natalidade acompanhou. Não houve colapso, nem proibição, nem vilão: houve conveniência composta, ano após ano, cada escolha individualmente racional. A infraestrutura funciona perfeitamente. É a demanda por outros humanos que se dissolveu.

O QUE ESTE EXTREMO ESTRESSA

Ele estressa a premissa mais confortável do report: a de que a preferência humana por humanos é um piso estável. Nos cenários acionáveis, a rejeição ao sintético e a fome de conexão real funcionam como forças de correção. O Aquário pergunta: e se essa preferência for treinável, e estiver sendo treinada? A luz que ele joga sobre o presente é direta: os 33% de adolescentes que já preferem a IA para conversas sérias (Common Sense, 2025) não são uma curiosidade estatística, são a variável mais importante da próxima metade de século. Proteger a capacidade de conexão humana, e não apenas o tempo de tela, é o verdadeiro jogo de longo prazo, para famílias, escolas e para qualquer marca que pretenda ter clientes humanos em 2075.

13

Análise comparativa de cenários

O distópico fica de fora: é exercício, não opção. A comparação cobre os seis cenários acionáveis.

DIMENSÃO	A GRANDE SEPARAÇÃO (H1)	FEED FANTASMA (H2)	ATENÇÃO LICENCIADA (H2)	ARQUIPÉLAGO PRIVADO (H2)	PRAÇA VERIFICADA (H2)	SOCIAL AMBIENTE (H3)
Quem produz o conteúdo dominante	Misto, sintético crescendo	Sintético sem rótulo	Sintético rotulado	Humano em ilhas	Humano verificado	Agentes compõem sob demanda
Onde mora o social real	Mensageria e grupos	Nichos pagos	Faixas reguladas	Comunidades fechadas	Praça pública auditada	Camada de agentes
Modelo de receita central	Ads + comércio	Ads sintético em crise de confiança	Ads auditado premium	Assinatura e comunidade	Ads + confiança como produto	Negociação entre agentes
Valor do alcance orgânico público	Em queda	Próximo de zero (ruído)	Médio, certificado	Baixo	Alto para verificados	Irrelevante como conceito
Papel do anonimato	Reduzido para menores	Livre e tóxico	Restrito	Preservado nas ilhas	Quase extinto no público	Gerido pelo agente
Risco central	Transição mal gerida	Colapso de confiança	Captura regulatória	Fragmentação e bolhas	Perda de anonimato	Concentração na camada de agentes
Oportunidade para quem tem relação direta	★★★★	★★★★★ (escassez extrema)	★★★	★★★★★	★★★★	★★★★
Probabilidade relativa (leitura própria)	Base	Alta se nada mudar	Média, crescendo	Média-alta	Média-baixa	Convergência provável

14

Implicações e recomendações

A regra dos três cortes: por robustez (o que vale em qualquer futuro), por contingência (o que se ativa com sinais) e por ator do sistema.

Implicações robustas (agir independentemente do cenário)

1. **Construir relação direta como ativo de balanço.** Lista própria, comunidade, dado de primeira parte, canal de mensageria. Em todos os seis cenários, quem tem a relação direta tem a margem, e em três deles é a única distribuição que sobra. Seguidor é aluguel; lista é patrimônio.
2. **Transformar prova de humanidade em ativo de marca.** Rosto, voz ao vivo, presença física, autoria verificável, erro humano visível. É diferencial competitivo em A Grande Separação, requisito de sobrevivência no Feed Fantasma e vantagem legal na Praça Verificada. Nenhum cenário pune ser comprovadamente humano.
3. **Tratar alcance público como mídia paga, não como comunidade.** Planejar aquisição no feed com a mesma frieza com que se compra Google Ads, e levar quem chega para o território próprio. A confusão entre audiência alugada e audiência própria é o erro estratégico mais caro da década.
4. **Instalar compliance de identidade e idade antes da multa.** ECA Digital já vale; UE decide em meses; a Austrália mostrou que o enforcement endurece rápido. Verificação etária, privacidade por padrão e rastreabilidade de conteúdo dirigido a menores não são cenário: são lei vigente no Brasil.
5. **Alfabetização sintética como competência organizacional.** Saber gerar, rotular, auditar e detectar conteúdo sintético. Vale para marketing, para RH, para jurídico e para a mesa de crise. Em todos os cenários, a organização que não distingue humano de máquina toma decisão sobre dado envenenado.

Implicações contingentes (ativadas por sinais)

- Se **Feed Fantasma** se materializar (rotulagem enfraquecendo, bots acima de 60%, CPMs caindo por desconfiança): cortar dependência de alcance público para menos de 20% da aquisição, migrar orçamento para comunidade, eventos e parcerias verificáveis, e contratar auditoria de audiência humana antes de renovar contratos grandes de mídia.
- Se **Atenção Licenciada** se materializar (regra comum da UE, licenças de operação, proveniência criptográfica adotada): antecipar a certificação: adotar padrões de origem de conteúdo antes da obrigação, tornar o consentimento de dados demonstrável e capturar o prêmio de preço de "auditável".
- Se **Arquipélago Privado** se materializar (assinaturas crescendo 20%+ a.a., criadores de topo saindo dos feeds): acelerar o produto de comunidade próprio e dominar descoberta paga; neste mundo, ser encontrado é o gargalo, e curadoria humana vira linha de receita.
- Se **Praça Verificada** se materializar (lei de proof-of-humanity em grande economia, choque de manipulação sintética): verificar tudo que a marca publica, eliminar qualquer tática de automação de engajamento do portfólio e posicionar porta-vozes humanos como o centro da comunicação.
- Se **Social Ambiente** acelerar (agentes pessoais como primeira interface, portabilidade de grafo imposta): estruturar dados de marca para leitura por agentes (schema, reputação verificável, APIs de relação) e negociar presença nos ecossistemas de agentes como se negociou presença em marketplace nos anos 2010.

Implicações por ator do sistema

Usuário e família. O que muda: a vida social digital exige gestão ativa: escolher ilhas, configurar supervisão dos filhos (agora obrigatória por lei no Brasil), decidir quanto de identidade entregar em troca de acesso. Risco: terceirizar vínculo para companheiros sintéticos, sobretudo na adolescência. Oportunidade: as ferramentas de controle nunca foram tão fortes, e a lei agora joga a favor. Movimento: tratar atenção e conexão como se tratam alimentação e sono: com regra doméstica explícita, não com força de vontade.

Criador e influenciador. O que muda: o concorrente marginal passa a ter custo zero e disponibilidade infinita. Risco: viver de alcance alugado num feed que se sintetiza. Oportunidade: a escassez de humano verificável valoriza exatamente o que o criador humano tem. Movimento: converter no mínimo 10% da audiência alugada em relação direta por ano, e construir produto próprio (comunidade, educação, serviço) antes de 2030.

Marca e anunciante. O que muda: a atenção comprada perde garantia de humanidade; a atenção auditada vira premium. Risco: pagar CPM de gente para impressão de bot, e associar a marca a slop. Oportunidade: dados de primeira parte + mensageria (no Brasil, WhatsApp) formam o canal com melhor razão custo-confiança da década. Movimento: auditar humanidade da mídia comprada, investir em social commerce com ceticismo sobre projeções e construir presença que um agente de IA reconheceria como legítima.

Plataforma. O que muda: o custo de operar sobe (compliance, verificação, energia) e a licença social encolhe. Risco: o modelo cassino virar objeto de responsabilização civil em cascata, precedente já aberto. Oportunidade: vender confiança, certificação e ferramentas de comunidade em vez de só atenção. Movimento: quem se antecipar à regulação escreve a regulação; quem resistir vira a Kodak do compliance.

Mídia e jornalismo. O que muda: a distribuição via feed público, que já era ruim, tende a irrelevância em três dos seis cenários. Risco: irrelevância na camada onde a opinião pública se forma. Oportunidade: ser a marca de "verificado por humanos" num oceano sintético é a proposta de valor mais clara do setor em 30 anos. Movimento: assinatura, comunidade, presença em mensageria e selo de proveniência em cada peça.

Regulador e governo. O que muda: o Brasil saiu na frente com o ECA Digital e a estrutura da ANPD; a janela para moldar padrões internacionais está aberta até a decisão da UE. Risco: regular a entrada (idade) sem tocar o motor (métrica de engajamento), e empurrar menores para espaços não regulados, como o dado australiano de 85% de evasão sugere. Oportunidade: liderar o debate de proof-of-humanity e de deveres fiduciários de agentes de IA. Movimento: medir o que importa: enforcement real, não contas deletadas em release.

Educador e escola. O que muda: a escola vira, por lei e por demanda social, o principal espaço sem feed da infância. Risco: tratar a restrição como fim, e não como meio; o problema não é a tela, é o que a socialização perde quando migra para o espelho sintético. Oportunidade: formar a primeira geração com alfabetização sintética nativa. Movimento: currículo de leitura crítica de mídia sintética e prática deliberada de conexão presencial, com a mesma seriedade da matemática.

15

Framework de monitoramento

O report vira sistema de alerta com a tabela abaixo. Cada indicador aponta para o cenário que sinaliza. Frequências pensadas para caber numa rotina de radar trimestral, com quatro leituras anuais e uma revisão profunda.

INDICADOR	FREQUÊNCIA	LEITURA DE SINAL
Decisão da UE sobre idade mínima comum (painel da Comissão, verão 2026)	Trimestral até decisão	Regra comum aprovada: Atenção Licenciada e Praça Verificada ganham tração. Fragmentação nacional: Grande Separação segue como base.
Enforcement australiano (multas aplicadas vs. evasão medida)	Semestral	Multas reais e evasão caindo: regulação com dente (Licenciada/Verificada). Evasão estável acima de 80%: regulação simbólica (Fantasma/Arquipélago).
Primeira multa relevante do ECA Digital pela ANPD	Trimestral	Multa acima de R\$ 10 mi: Brasil confirma vanguarda regulatória. Dois anos sem sanção: letra morta.
Share de conteúdo sintético nos feeds da Meta (earnings calls e estudos independentes)	Trimestral	Acima de 50% com engajamento estável: aceitação do sintético (Fantasma/Licenciada). Engajamento caindo com sintético subindo: rejeição (Arquipélago/Verificada).
Tráfego bot em relatórios independentes (Imperva e similares)	Anual	Acima de 60%: Feed Fantasma acelerando. Estável ou caindo por enforcement: Verificada.
Razão tempo em mensageria vs. feed público (DataReportal, Similarweb)	Semestral	Mensageria ultrapassando feed em tempo: Grande Separação consolidada, Arquipélago à vista.
Receita de assinatura/comunidade vs. ads para criadores de topo	Anual	Assinatura acima de 50% no topo: Arquipélago Privado.
Legislação de proof-of-humanity em grande economia	Semestral	Projeto apresentado: Praça Verificada sai do papel.
Vendas anuais de óculos e wearables de IA (IDC, Counterpoint)	Anual	Acima de 30 mi/ano até 2028: transição de hardware no prazo para Social Ambiente. Estagnação abaixo de 15 mi: adiar tese de interface.
Uso regular de companheiros de IA por adolescentes (Common Sense e equivalentes)	Anual	Acima de 65% de uso regular ou preferência por IA em conversas sérias acima de 45%: risco Aquário subindo; prioridade máxima para famílias e escolas.
Jurisprudência de responsabilização por design (recursos do caso de LA e novos júris)	Semestral	Condenações confirmadas em apelação: mudança de cálculo dos boards (Licenciada/Verificada).
DAU de protocolos abertos (Bluesky, fediverso) e adoção de portabilidade	Anual	DAU agregado acima de 30 mi ou portabilidade adotada por big tech: encanamento do Social Ambiente em construção.

Folha de fontes

Transparência é parte do produto. Cada fonte com tier e uso. Número de fornecedor ou firma de projeção entra sempre com ressalva no corpo.

FONTE	DOCUMENTO / DADO	DATA	TIER	USO NO REPORT
DataReportal / We Are Social / Meltwater	Digital 2026 (global e Brasil): usuários, tempo, plataformas	2026	Institucional (com dados de painéis GWI/Similarweb)	Sumário, scanning social e econômico, Brasil, monitoramento
GWJ (Global Web Index)	Tempo por faixa etária e gênero	2025-2026	Fornecedor com interesse (painel)	Scanning social, citado com contexto
Imperva / Thales	Bad Bot Report 2025 (51% tráfego automatizado; 37% bots maliciosos)	2025	Fornecedor com interesse (vende segurança); dado triangulado por cobertura independente	Sumário, scanning tecnológico, cenário Feed Fantasma
Common Sense Media / NORC U. Chicago	Talk, Trust, and Trade-Offs (72% teens já usaram IA companions; amostra 1.060)	2025	Institucional e acadêmica	Sumário, scanning social, distópico, monitoramento
eSafety Commissioner (Austrália)	Restrição etária: 4,7 mi contas removidas; atualizações de compliance	2025-2026	Primária e oficial	Scanning político, radar, monitoramento
BMJ / Universidade de Newcastle	85% dos menores de 16 seguiam usando redes 3 meses após o ban (n=408)	2026	Institucional e acadêmica	Scanning político, implicações para regulador
Bloomberg / Fortune / JURIST	Endurecimento australiano: multa a A\$ 99 mi; 5 mi contas deletadas	Jun 2026	Imprensa	Scanning político
Lei 15.211/2025 (ECA Digital), decretos e materiais oficiais (Planalto, MJSP, Câmara, Agência Brasil)	Vigência 17/03/2026; verificação etária; vínculo parental até 16; multas até 10%/R\$ 50 mi	2025-2026	Primária e oficial	Sumário, scanning político, implicações, monitoramento
Interface EU / Euronews / Wikipedia (age verification laws, com checagem cruzada)	Mapa regulatório: 23/27 países da UE; UK, Dinamarca, Indonésia, Turquia	2025-2026	Imprensa e institucional	Scanning político, cenários
Meta Platforms (earnings Q3 2025, Q4 2025, Q1 2026, via CNBC e transcrições)	Receita, 98% ads, capex US\$ 125-145 bi, "terceira era" de conteúdo IA	2025-2026	Primária corporativa (empresa com interesse)	Scanning econômico e tecnológico, cenários

FONTE	DOCUMENTO / DADO	DATA	TIER	USO NO REPORT
CNN, CBS, CBC, Built In	Lançamento e recepção de Sora 2 e Meta Vibes; descontinuação do Sora (mar/2026)	2025-2026	Imprensa	Scanning tecnológico, radar
EssilorLuxottica / IDC / Counterpoint (via imprensa)	7 mi óculos Meta em 2025; 69% share Q1 2026; preço US\$ 299	2025-2026	Fornecedor + institucional	Scanning tecnológico, cenário Social Ambiente
TikTok / Oracle / imprensa (Variety, Deadline, TechCrunch, ITIF)	JV TikTok USDS fechada em 22/01/2026; estrutura 80,1% não chinesa	2026	Primária corporativa + imprensa	Scanning político, fragmentação geopolítica
Goldman Sachs Research	Creator economy a ~US\$ 480 bi até 2027; 4% de criadores profissionais	2023	Fornecedor com interesse (banco); citado com hedge	Scanning econômico
Research and Markets / Mordor / Statista	Projeções de social commerce 2030 (US\$ 1,5 tri a US\$ 8,5 tri, divergência de ordem de grandeza)	2023-2026	Fornecedor (firmas de projeção); citado com ressalva explícita	Scanning econômico
Sprout Social / Nieman Lab / Wikipedia (Bluesky)	Bluesky ~40 mi contas, 1,5-3 mi DAU; fediverso <1 mi MAU	2025-2026	Institucional e imprensa	Scanning tecnológico, monitoramento
Pew Research Center	Uso de plataformas por adultos nos EUA (YouTube 84%, Instagram >50%)	2025	Institucional e acadêmica	Scanning social
Ahrefs (via cobertura byteiota e imprensa)	~74% de páginas novas com conteúdo IA (abr/2025)	2025	Fornecedor com metodologia própria; citado com ressalva	Framing (tensão 2)
LiveNOW/Fox e cobertura do julgamento de LA	Condenação de Meta e YouTube (US\$ 6 mi, design viciante, dolo)	2026	Imprensa	Scanning político, monitoramento
Fontes de borda e comportamento primário: threads no Tildes e Hacker News, ensaios "posting zero" (Kyle Chayka), posts de criadores brasileiros no Threads, Medium	Leituras qualitativas do êxodo do feed e da fadiga	2023-2026	Borda / comportamento primário (baixa confiança individual, alta consistência agregada)	Scanning social, CLA, cenário Arquipélago Privado